

**UM SONETO INÉDITO DA 1.<sup>a</sup> VISCONDESSA  
DE BALSEMÃO SEGUIDO DE UMA RÉPLICA  
DO SEU MARIDO\***

*Francisco Topa*

Autora de uma obra vasta e com muitos motivos de interesse, durante longo tempo ignorada e quase totalmente inédita, D. Catarina Micaela de Sousa César e Lencastre (1749-1824) foi nos últimos anos objecto de duas dissertações de doutoramento: a de Zenobia Collares Moreira Cunha<sup>1</sup> e a de M. Luísa Malato R. Borrallho<sup>2</sup>. Graças a esses dois trabalhos, a *Safo portuguesa* foi recolocada em circulação, vendo finalmente a sua obra editada e estudada de forma sistemática.

Tomando por referência as publicações de Zenobia Cunha e Luísa Malato, vimos agora acrescentar um pequeno elemento, obtido de forma casual em recente passagem pela Biblioteca e Arquivo Distrital de Évora. Trata-se de um soneto inédito.

---

\* Publicado na *Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas*, II Série, vol. XVII, Porto, Faculdade de Letras, 2000, pp. 455-457.

<sup>1</sup> *O Pré-romantismo Português — Subsídios para a sua compreensão*, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1992.

<sup>2</sup> *D. Catarina de Lencastre (1749-1824) — Libreto para uma autora quase esquecida*, 2 tomos; Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1999.

dito, que encontramos no Ms. 424 do Fundo Manizola dessa biblioteca, uma miscelânea que recolhe poesia da segunda metade do século XVIII. O poema vem no f. 34r e não parece acrescentar nada de significativo àquilo que já se sabia da obra da 1.<sup>a</sup> Viscondessa de Balsemão. Basicamente, a autora enaltece, de forma engenhosa, a constância da perpétua.

Segue-se, no f. 34v, um soneto de Luís Pinto de Sousa (1735-1804), feito «pelos mesmos consoantes» (e quase sempre usando as mesmas palavras de rima), em louvor do texto precedente. Conhecido como militar, diplomata e governante, o 1.<sup>o</sup> Visconde de Balsemão, marido de D. Catarina, foi também poeta, ainda que a sua obra tenha permanecido inédita.

Editamos de seguida os dois sonetos, de acordo com as normas que temos vindo a seguir para a publicação de textos deste período<sup>3</sup>.

À Perpétua. Pela Ilustríssima Senhora D. Caterina César de Lencastre

Pastores destes vales habitantes,  
Pastores que viveis nesta Espessura;  
Quero de vós saber se por ventura  
Há no mundo Perpétuas inconstantes.

5      Nos montes mais vizinhos e distantes  
Entre vós a Perpétua sempre dura,  
Animada daquela igual ternura  
De vossos corações firmes e amantes.

---

<sup>3</sup> Ver, por exemplo, *Quatro Poetas Brasileiros do Período Colonial — Estudos sobre Gregório de Matos, Basílio da Gama, Alvarenga Peixoto e Silva Alvarenga*, Porto, Edição do Autor, 1998, pp. 13-14.

10 Por não ter de Alecrim a variedade,  
Conserva sempre o ser de amor-perfeito,  
Sem que entre nela o roixo da saudade.

O tempo lhe não muda o raro efeito,  
E sendo tenra flor, na realidade  
Tem duração eterna em nosso Peito.

Em louvor do Soneto antecedente, pelos mesmos consoantes

Pinto de Soisa

Sobre as ondas do Minho os habitantes  
Do líquido Elemento e da Espessura  
Ouviram seus assentos, que à ventura  
Sujeitam as suas Leis sempre constantes.

5 Aos ecos solitários e distantes  
O Pastor os repete, e já procura  
Gravá-los sobre os troncos, que a brandura  
Destes versos em si guardam amantes.

10 Eles têm da Natura a variedade,  
A força de animar o amor-perfeito  
E de enxugar o pranto da saudade.

Vede se pode haver mais raro efeito  
Que atar o doce Amor à liberdade  
Com o poder divino de teu Peito!